

## **FIRE AND FURY: inside the Trump White House**

(Fogo e Fúria: por dentro da Casa Branca de Trump)

### **Resenha**

**José Geraldo Brito Filomeno** (Procurador de Justiça – aposentado)

Autor: MICHAEL WOLFF (escritor e jornalista norte-americano)

Henry Holt and Company Publishers, New York, EUA, 2018, 1<sup>st</sup>. edition

**Sobre o autor Michael Wolff:** recebeu diversos prêmios pelo seu trabalho, inclusive dois Prêmios de Revistas Nacionais. Ele é colunista habitual das *Vanity Fair*, *New York*, *The Hollywood Reporter*, *British GQ*, *US Today* e do jornal britânico *The Guardian*. Também autor de seis livros anteriores, incluindo-se os mais vendidos *Burn Rate* e *The Man Who Owns the News*. Ele reside em Manhattan e tem quatro filhos.

**Sobre o livro** – Esta obra pode ser considerada como uma verdadeira devassa dos bastidores e da própria convivência entre os atuais ocupantes da Casa Branca (mandato do presidente eleito Donald Trump no quadriênio 2017-2020). Ou seja, não apenas um verdadeiro ninho de serpentes, como também de um presidente extremamente vaidoso, prepotente, ignorante, intempestivo, avesso a regras mínimas de convívio civilizado com seus próprios assessores, enfim, uma pessoa de temperamento odioso e deplorável.

Seus embates com a grande imprensa têm sido notórios e com rancor procura reagir a seu modo: “tweetando” sem parar e tentando seduzir alguns destaques da imprensa conservadora.

Estabeleceu metas como plataforma de governo que são a expressão do mais retrógrado direitismo e baseado no *slogan* “*Make America Great Again*” (Torne os Estados Unidos Grandes Novamente). Assim, por exemplo: com obsessão incansável pretende acabar com o programa de planos de saúde pública duramente conquistado no governo de Barack Obama (apelidado de *Obamacare*) --- com relação ao qual experimentou estrondosa derrota no Congresso Norte-Americano, inclusive, com expressiva votação do próprio Partido Republicano, da ala que simplesmente não o tolera ---; por outro lado adotou algumas medidas contra os imigrantes em geral e, em particular, os provenientes do Oriente Médio, muçulmanos, repeliu a proposta que já estava no Congresso visando à regularização dos filhos de estrangeiros que haviam chegado ao país ainda crianças e pretende mesmo construir um extenso muro separando os Estados Unidos do México; em outra vertente nacionalista e visando a um protecionismo de sua economia, planeja impor pesadas tarifas de importação como, por exemplo, no caso de aço e alumínio, tendo o Brasil sido excluído,

entretanto, dessas limitações, desde que aceite o regime de quotas fixas; e no que diz respeito à proteção ambiental, denunciou o Tratado de Paris a respeito do aquecimento global. Seu governo visa, ainda, a reduzir impostos com vistas a estimular a economia.

Ao par disso, o autor com grande perspicácia e agudeza penetra nos meandros do poder, sobretudo, para colocar de um lado a própria família do presidente, por ele cognominada de “Jarvanka”, ou seja, o núcleo de poder duro consistente na dupla Jared Kushner, seu genro, e sua filha Ivanka. E de outro, o “resto”, ou seja, desde os assessores do mais alto escalão, como o estrategista de campanha e conselheiro próximo Steve Bannon, mas nem por isso deixou de ser defenestrado, o Secretário de Estado Rex Tillerson, substituído por Mike Pompeo, após lenta e cruel “fritura”, o Diretor do FBI, James Comey, posteriormente um acusador implacável do presidente, após ter sido por ele demitido pela imprensa, Anthony Sacaramucci, um aventureiro que pouco durou como assessor de comunicações que substituiu o então Secretário de Imprensa Sean Spicer, reputado “mole demais”, ambos a seu turno trocados por Hope Hicks e muitos outros.

Acerca de James Comey, demitido na qualidade de então Diretor Geral do FBI, não apenas depôs contra a administração Trump no caso da ingerência russa nas eleições presidenciais de 2016, como também acaba de lançar um outro livro assaz explosivo, sob o título de *Higher Loyalty – truth, lies and leadership*<sup>1</sup>, com mais revelações sobre o caótico governo Donald Trump. Aliás, ele, Comey, somente foi mantido no posto de Diretor Geral do FBI uma vez que iniciou investigações sobre os tais *e-mails* da então candidata adversária de Trump, o que atraiu sua simpatia. Simpatia essa, todavia, desfeita, quando encerrou as mesmas investigações por falta de provas e outros elementos. Entretanto, o estrago foi enorme para a campanha de Hilary Clinto, já que a campanha já se encontrava na reta final quando essa segunda decisão se deu. Ou seja, “não há amadores” no que diz respeito aos sombrios escaninhos do poder e da má política.

O grande impasse que ainda subsiste no momento em que procedemos a esta resenha (9-5-2018), e sobre o qual o presidente Trump manifesta imensa irritação e preocupação, é o *affair* russo. Ou seja, uma reunião que teria sido capitaneada pouco antes das eleições presidenciais na *Trump Tower* entre funcionários de alto escalão russo e parte do time da campanha dele, com destaque para seu filho Donald Jr., episódio antes sob o comando de James Comey e do então Procurador Geral da República e Secretário de Estado Jeff Sessions, a pretexto de se discutirem termos para a adoção de crianças russas por americanos. Pretexto que, todavia, teria o escopo de encobrir sua verdadeira motivação: minar a candidatura de Hilary Clinton com *fake News* (notícias falsas ou tendenciosas) e a intervenção de *hackers* em seus computadores. E isto a começar pelo suposto delito por ela cometido no sentido de negligenciar questões de Estado, ao transmitir mensagens por *e-mail* de sua conta particular, o que poderia comprometer a segurança do país. A grande reação do grupo

---

<sup>1</sup> Nossa Tradução livre *A Mais Elevada Lealdade – verdade, mentias e liderança*.

antagonista da dupla “Irvanka” --- representado basicamente por Steve Bannon --- foi a designação de Robert Mueller, um Procurador da República independente, que passou a presidir as investigações. Isto para fitos de verdadeira fúria da parte de Donald Trump.

As permanentes e estressantes intrigas palacianas igualmente fizeram com que o general John Kelly acabasse por assumir --- a contragosto, aliás ---, a Chefia de Gabinete do presidente Trump, em decorrência da demissão de Reince Priebus, apoiador e participante da campanha presidência mas não obstante frequentemente alvo de suas ofensas, diatribes e brincadeiras de péssimo gosto. Aliás, pelo que ficou ainda mais claro, Trump simplesmente adorava, sadicamente, à semelhança de sua personagem do “patrão” na série televisa que comandou por algum tempo, *The Apprentice*, pronunciar a célebre expressão *your’re fired(!)* --- você está despedido (!). Expressão essa pronunciada pelo menos mais de uma dezena de vezes no ainda primeiro ano e cinco meses de seu governo. Como resultado disso, da disputa interna dos grupos que se digladiam pela atenção do presidente e por mais poder de influência sobre ele, resultou num verdadeiro caos em que ninguém se entende. Todos querem influenciar o presidente que, renitente, somente faz coisas de sua própria cabeça ou, no máximo, por aconselhamento da dupla “Jarvanka” e amigos a quem telefona geralmente à noite, após o jantar para trocar ideias e dizer-se “perseguido pela grande mídia”.

Dentre as passagens marcantes do livro, chamou-nos a atenção o súbito interesse de Donald Trump pela questão da Coréia do Norte, até porque, até então, pouco ou quase nada se falava sobre essa matéria. Deu-se numa temporada do presidente em companhia de alguns de seus assessores mais próximos --- exceto Steve Bannon, uma espécie de “Rasputin” do governo, sua eminência parda, circunstância essa que contribuiu para seu rompimento e denúncias públicas sobre os absurdos da atual presidência americana --- no *resort* de Bedminster, uma das várias propriedades do próprio Trump, mas seu favorito, onde exhibe, orgulhosamente, troféus de disputas de *golf*, seu esporte predileto.

Com efeito, durante o almoço, em 8 de agosto de 2017, no clube do referido *resort* (págs. 291-292), houve uma discussão a respeito do consumo de drogas opiáceas, iniciada pelo então Secretário da Saúde, Tom Price, em face do que, demonstrando absoluto desinteresse, Trump simplesmente murmurou algum comentário sem o menor sentido, revelando igualmente total ignorância sobre esse tema.

De repente, na presença de alguns repórteres, entretanto, alguém lhe fez uma pergunta sobre o conflito com a Coréia do Norte e, principalmente, a respeito dos comentários desairosos que seu ditador fizera a ele, Trump. “*Sua equipe*” --- escreve o autor --- “*não estava preparada para isso, mas, com uma aparente alívio no sentido de que ele poderia se desviar da discussão sobre opiáceos, bem como uma súbita satisfação em face da oportunidade de manifestar-se sobre esse instigante problema, ele se arriscou, em uma linguagem que ele havia repetido internamente --- assim como repetia tudo com frequência --- a um precipício de uma crise internacional*”.

E com efeito, conforme transcrição do autor: *“É melhor a Coréia do Norte não fazer mais ameaças aos Estados Unidos. Eles enfrentarão com o fogo e a fúria que o mundo nunca viu. Ele foi muito ameaçador além de um patamar normal, e como eu disse eles serão confrontados com fogo e fúria e franco poder, circunstância tal que o mundo nunca viu antes. Obrigado”*<sup>2</sup>. Daí o título do livro em questão.

O livro, conforme já salientado, é uma relato impressionante sobre as urdiduras, complôs, jogos sujos de disputa pelo poder político e de influência sobre o presidente, pessoa totalmente despreparada para o exercício desse cargo tão relevante não apenas para o seu país mas para o mundo todo.

Aliás, desde o início dos relatos fica claro que nem ele mesmo, Trump, parecia acreditar que pudesse ser eleito. E, quando acordou para a realidade, viu-se tomado de imenso prazer mas, ao mesmo tempo, demonstrando total incapacidade para gerir os negócios de Estado. Daí a percepção de seus próprios assessores, donde a tentativa de cada grupo a seu turno procurar dirigir suas ações nesse ou naquele sentido.

A “fritura” de Bannon, na verdade, já estava sendo atizada desde o início do governo errático de Donald Trump. E isto em razão de na obra *The Devil’s Bargain*<sup>3</sup>, seu autor, Joshua Green, ter atribuído a ele, Bannon, integralmente, a vitória daquele nas eleições de 2016. Para um ego acima de inflado, certamente tal circunstância ficou latente na mente furibunda do presidente.

O autor, já em suas conclusões, destaca a observação seguinte.

Steve Bannon, o “ex-guru”, estrategista-chefe não só da campanha mas também do gabinete, embora não detivesse um cargo específico, como aliás pretendia, mas foi preterido, de Chefe de Gabinete, acaba por tirar de sua experiência de observação algumas conclusões sombrias, conforme linhas abaixo<sup>4</sup>.

*“A premissa fundamental de quase todos quantos aderiram à Casa Branca de Trump era: Isto pode funcionar. Nós podemos ajudar para que dê certo. Agora, apenas três quartos decorridos do primeiro ano do mandato de Trump, não havia literalmente um membro sequer da equipe sênior que pudesse confiar naquela premissa. Indiscutivelmente --- e por muitos dias indubitavelmente --- a maioria dos membros da equipe sênior acreditava que o único dado positivo de ter pertencido à Casa Branca de Trump foi ajudar a prevenir que o pior acontecesse. No início de outubro, o destino do Secretário de Estado Rex Tillerson estava selado --- se sua óbvia ambivalência em face do presidente não o tinha já selado --- pela revelação de que ele chamara o presidente de um ‘porra de um retardado’<sup>5</sup>. Isto --- insultar a inteligência de Donald Trump --- era ao mesmo tempo a coisa que você não podia fazer ou a coisa --- dar gargalhadas entre os próprios membros da equipe sênior mas pelo amor de Deus sem que ele ouça --- era de que todo o mundo era culpado. Todos, ao meu modo, esforçavam-se em expressar*

---

<sup>2</sup> Nossa tradução livre.

<sup>3</sup> Nossa tradução livre: *O Negócio com o Diabo*.

<sup>4</sup> *Idem*, trecho da página 304.

<sup>5</sup> No original: *“...a fucking moron”*.

*baixo o fato óbvio de que o presidente não tinha conhecimento suficiente, não sabia que ele mesmo não sabia, particularmente não se importava com isso, e, para arrematar, confiava se não estava sereno acerca das certezas inquestionáveis. Havia agora uma quantidade razoável de gozação de bastidores a respeito de quem havia chamado Trump do que. Para Steve Mnuchin e Reince Priebus, ele era um 'idiota'. Para Gary Cohn, ele era 'um bosta'<sup>6</sup>. Para H.R. McMaster ele era um 'boçal'<sup>7</sup>. E a lista continuava”.*

Já fora da Casa Branca, e retornando à sua empresa de notícias e de *marketing* político, a Breitbart, Steve Bannon vaticinou<sup>8</sup>:

*“Steve Bannon estava contando às pessoas que pensava haver 33.3 por cento de chance de que a investigação de Mueller conduziria ao impeachment do presidente, 33,3 por cento de possibilidade de que Trump reuncie, talvez alertado pela ameaça de que o gabinete aja de acordo com a Emenda 25 da Constituição (pela qual o gabinete pode afastar o presidente no caso de incapacitação), e 33,3 por cento de chance de que ele claudique até o fim de seu mandato. Em qualquer dessas circunstâncias, certamente não haveria um segundo mandato, ou mesmo a tentativa por um outro. ‘Ele não vai conseguir’, disse Bannon na sede da empresa Breitbart. ‘Ele perdeu o rumo’.*

Mas, a ambição subjacente e apontada por Wolff demonstra um Bannon atento e pronto para um ataque:<sup>9</sup>

*“Menos volúvel, Bannon estava dizendo às pessoas algo mais: ele, Steve Bannon, iria concorrer para presidente em 2020. A alocução ‘Se eu fosse presidente ...’ transformou-se em ‘Quando eu for presidente’.*

Embora fora do governo, mas em seu *bunker* estratégico de *marketing* político, Bannon influenciou para que fracassasse a pretensão da não menos ambiciosa Nikki Haley, embaixatriz dos EUA na ONU, de substituir o Secretário de Estado Rex Tillerson, nomeando-se para seu lugar Mike Pompeo, até então chefe todo poderoso da CIA.

Quanto à fiel escudeira e “muro das lamentações” para todas as horas de Trump, Hope Kicks, sobrou o papel de porta-voz do governo, após a demissão de Sean Spicer.

E *la nave vá!* Pelo clima e ambiente retratados na obra ora comentada, a conturbação continua na agora um pouco mais organizada Casa Branca de Trump. Até quando, não se sabe, conforme as apostas de Bannon, conforme assinalado passos atrás.

E a mais recente peripécia de Trump foi a retirada dos EUA do tratado de controle nuclear sobre o Irã, sem qualquer motivação razoável, atitude tal que o deixou completamente isolado em face dos demais signatários desse relevante acordo o que, contudo, já provocou a elevação do preço do petróleo em nível global.

---

<sup>6</sup> Do original “*dumb as shit*”.

<sup>7</sup> Do original “*dope*”.

<sup>8</sup> Nossa tradução livre, páginas 308-309.

<sup>9</sup> *Idem*, página 309.

O que mais se pode espera do instabilíssimo mandatário norte-americano?